

Colunista
Presidência

Sete homens de bem

MAURO CHAVES



Eles estarão reunidos hoje à tarde para decidir se o Brasil terá ou não oportunidade de ser respeitado pelo mundo — e pelo próprio povo brasileiro — como um país sério. Estarão mobilizando ao máximo a capacidade de discernimento de suas consciências e aguçando no maior grau a racionalidade de seus juízos, na busca da decisão justa. Mas são os que duvidam do instinto de sobrevivência moral de nossa sociedade ainda não sabem qual o resultado do julgamento que o Tribunal Superior Eleitoral faz hoje do registro da candidatura Sílvio Santos.

Podem ainda duvidar do resultado desse julgamento os que não entendem que, acima dos juízes togados daquela alta Corte, estão sete homens de bem, que têm filhos netos e não pretendem que estes venham a adquirir um doloroso sentimento de vergonha, em relação à própria nacionalidade. Por isso, o que menos importa é o conteúdo de qualquer um dos pedidos de impugnação da candidatura do animador. E é de todo irrelevante saber em que diplomas legais se fundamentarão os magistrados para tirar de cena uma candidatura capaz de pulverizar o alicerce ético-institucional da sucessão presidencial e, por consequência, de toda a transição para o regime democrático.

09 NOV 1980

ESTADO DE SÃO PAULO

O TSE impugnará hoje o registro do candidato do PMB porque já captou o sentimento da maioria esmagadora dos setores responsáveis da sociedade brasileira, que não se conformam com o fato de uma oportunidade histórica, esperada há três décadas, ser malbaratada ao ponto de escoar pelo ralo do oportunismo irresponsável, fútil e debochado. Os magistrados bem sabem — como, de resto, toda a Nação — que, por trás desse passa-moleque perpetrado contra candidatos, partidos e eleitorado, estão os desejos mesquinhos — sejam os da vingança rasteira ou os da ambição provinciano-regional — de quem

já jamais esteve preparado para chefiar o governo de um país, porque não soube cumprir a promessa de se superar a si mesmo. Também sabem que tais intenções perversas pouco estrago haveriam de causar, caso não tivessem contado com a cumplicidade de casuística e fisiológica de lideranças partidárias no Congresso pois, se os parlamentares federais derrubaram outros vetos de Sarney, poderiam ter feito o mesmo com o que extinguiu o prazo das filiações partidárias.

Mas de nada adianta, agora, cobrar responsabilidades por uma legislação espúria, quando o que está em risco é toda a seriedade de um processo de investidura legítima no poder, que, se for desmoralizado, a esta altura de nossa crise econômica, social e governamental, deixará literalmente em fran-

O que está em risco é a legitimidade da investidura no poder

galhos as instituições político-jurídicas do País. E se isto, por desgraça, ocorrer, estaremos no vestibular do golpe militar, da grande convulsão social ou da guerra civil.

Sete homens de bem examinarão atentamente argumentos e arrazoados, dispositivos legais e constitucionais, doutrina e jurisprudência. Mas farão isso mais por desencargo de consciência, pois de qualquer maneira tomarão a única decisão aceitável para os demais homens e mulheres de bem deste país: uma decisão que permita ao povo brasileiro vir a ter condições de se orgulhar de uma democracia construída à base da persistência, da coragem e da generosidade, traços tão marcantes da alma nacional. Uma decisão que não jogue corrosiva pá de cal no belo entusiasmo que as crianças estão sentindo por estas eleições, quando de seus corações parece brotar, espontaneamente, um inesperado civismo, como melhor do que ninguém elas conseguissem intuir o quanto seu futuro está em jogo. Uma decisão, enfim, que faça a juventude brasileira vir a ter condições de realizar seus sonhos aqui mesmo, antes de se tornar um bando de apátridas envergonhados, em solo estrangeiro.

Sete homens de bem, que se chamam Francisco, Romildo, Sydney, Antônio, Luiz, Miguel e Roberto, ao chegarem hoje à noite a suas casas serão recebidos por suas mulheres, filhos e netos, com demonstrações de profundo afeto e terna gratidão. Porque salvaram o Brasil.

Mauro Chaves é editorialista do Estado e comentarista político da Rádio Eldorado.